

A universidade do século XXI nos olhares da complexidade e da criatividade

Maria José de Pinho

Pós-doutorado em Educação
Universidade Federal do Tocantins
mjpgon@mail.uft.edu.br

Kênia Paulino de Queiroz Souza

Mestre em Educação
Universidade Federal do Tocantins
Keniaqueiroz06@hotmail.com
Financiadora: CAPES

Resumo

A Universidade brasileira contemporânea encontra-se em um labirinto de incertezas e mutações que permeiam o seu espaço formador. Diferentes concepções adentram o cenário do Ensino Superior na busca por compreender as suas constantes mudanças. Nesse sentido, este artigo apresenta reflexões sobre a universidade do século XXI, na perspectiva da criatividade, a partir de uma visão complexa da realidade contemporânea. Optou-se por uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, a partir dos principais aportes teóricos: Chauí (2003), Torre (2005), Santos (2009), Suanno (2011), Morin (1999, 2000, 2001), Suanno (2013), Moraes (2008), Ribeiro e Moraes (2014). Para desenvolver a análise, foram consideradas teorias sobre universidade, complexidade e criatividade, que possibilitassem compreender as divergências entre o contexto do Ensino Superior do século XX e o da contemporaneidade. A discussão aponta que a universidade do presente século necessita de um novo olhar a partir da concepção criativa e complexa nas dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão. A sua realidade se apresenta de forma multidimensional e multirreferencial enquanto espaço universitário e social que precisa se conectar aos cenários externos de forma interligada, global e inter-relacionando-os com a vida planetária.

Palavras-chave: Universidade. Complexidade. Criatividade.

The century XXI university in the looks of complex and creativity

Abstract

The contemporary Brazilian University is in a maze of uncertainties and changes that pervade their former space. Different conceptions entering the higher education scenario in the search for understanding their constant

change. In this sense, this article presents reflections on the University of XXI century, from the perspective of creativity, from a complex view of contemporary reality. We chose a literature review with a qualitative approach, from major theoretical contributions: Chauí (2003), Torre (2005), Santos (2009), Suanno (2011), Morin (1999, 2000, 2001), Suanno (2013), Moraes (2008), Ribeiro and Moraes (2014). To develop the analysis were considered theories university, complexity and creativity, which would enable to understand the differences between the Higher Education context of the twentieth century and the contemporary. The discussion suggests that the university of this century needs a new look from the creative and complex design the dimensions of teaching, research and extension. Your reality presents a multidimensional and multi-referential form as a university and social space that needs to connect to external scenarios in an interconnected, global and inter-relating them to the planetary life.

Keywords: University. Complexity. Creativity.

Introdução

A sociedade contemporânea é fruto de constantes mudanças. Desde as suas raízes, vem sendo interligadas novas ideias, crises e transformações; trajetórias estas que, principalmente a partir da modernidade, marcaram o todo da vida humana. Diante de frequentes modificações, a universidade acompanhou as transições com novas perspectivas epistemológicas e finalidades formativas na educação superior, compreendendo, com a chegada do século XXI, diante de cenários diversos e velozmente mutáveis, o período da sociedade do conhecimento (SANTOS, 2009).

Nessa mudança do século XX para o XXI, de moderno para o contemporâneo, a universidade perpassou e continua a vivenciar momentos de crise em que as suas convicções, fragmentações, repetições e certezas, não a sustentam mais no caminho de novas produções. Contudo, o que lhe ampara, nesta ocasião, é o oceano de incertezas, como orientação para, ao invés da repetição, a construção de novos conhecimentos (MORIN, 2001).

Diante desse cenário de transições, este artigo tem como objetivo estimular a reflexão sobre a universidade do século XXI na perspectiva da criatividade, a partir de uma visão complexa da realidade contemporânea. Para tanto, os pressupostos metodológicos estão pautados na revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, a partir das principais obras: Chauí (2003), Torre (2005), Santos (2009), Suanno (2011),

Morin (1999, 2000, 2001), Suanno (2013), Moraes (2008), Ribeiro e Moraes (2014), entre outros, com perspectivas diferenciadas que podem propiciar a compreensão de transições de um contexto moderno para o contemporâneo.

A proposta de discussão parte de uma visão complexa da realidade atual, pois a diversidade do contexto contemporâneo difere da perspectiva moderna em compreender a vida. Porquanto, nesse viés moderno, a razão era suficientemente superior para o conhecimento formativo, uma vez que era considerada como importância única e absoluta. Contudo, uma perspectiva criativa não se apresenta desmerecendo a ciência e, sim, com a valorização da interligação entre razão e emoção (SUANNO, 2011) como saberes importantes e abertos a outros novos que enriquecem o cenário educativo.

A crise da Universidade brasileira no final do século XX

A percepção do fluir da realidade social e da universidade brasileira contemporânea apresenta um convite para revisitar alguns momentos do contexto histórico de uma era moderna que propiciam elementos favoráveis à compreensão de contextos atuais. Nesse sentido, percebe-se que o passado, com todas as suas experiências, conecta o presente como base para mudanças a partir de novas perspectivas para o futuro (CUNHA, 2005).

Antes das transições, faz-se necessário conhecer previamente o contexto universitário. Diante disso, a concepção de universidade para Pimenta e Anastasiou (2002, p. 141) “[...] se caracteriza por autonomia didática, administrativa e financeira, por desenvolver ensino, extensão e pesquisa e, portanto, contar com número expressivo de mestres e doutores”. Já para Chauí (2003, p. 5) “[...] é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo”. Nesse caminho, Santos (2009, p. 87) também afirma que a “[...] universidade é um bem público, intimamente ligado ao projecto de país [...]”, um espaço social, relevante, no qual são produzidos conhecimentos que compõem a vida.

Essas acepções revelam que a instituição universitária, com características próprias, apresentou e ainda apresenta uma certa autonomia na produção do conhecimento. No entanto, retomando um pouco de sua historicidade, percebe-se que a sua origem e um pouco do presente se devem à “[...] influência de alguns modelos

europeus: o jesuítico, o francês e o alemão [...]” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 144); onde o primeiro visa a transmissão, a memorização, a repetição e a regulação a partir da ação docente; já o segundo, teve início no Brasil, com o objetivo de atender a elite e importou-se em focar na sala de aula; mas o último, teve a proposição inicial um pouco diferenciada, visou a produção do conhecimento e a valorização, tanto docente quanto discente, a partir da ciência; contudo, logo foi modificado com o período da ditadura militar, iniciando com a Lei nº 5.540/68. No entanto, foi um momento de controvérsias, pois valorizou-se a produção do conhecimento, mas a pesquisa se dissociava da graduação, ficando a cargo apenas da pós-graduação.

Diante disso, percebe-se que a fragmentação não favorecia a produção integrada, uma vez que a interligação entre ensino, pesquisa e extensão propicia uma visão do todo. Logo, com essa dissociação, Pimenta e Anastasiou (2002) explicitam que:

Reforça-se todo um ambiente adequado a uma pedagogia calcada na transmissão de saberes, num papel docente centralizador, numa relação de reprodução do conhecimento tido como verdadeiro e na não-problematização e crítica da realidade social, cultural, econômica e científica. (p. 153)

A concepção de universidade começa a sofrer algumas alterações, uma vez que representa estagnação referente ao processo formativo, com aspecto crítico, ao não se articular ensino e pesquisa. Pois, o questionamento, ou seja, a situação-problema instiga a busca por novos conhecimentos. Todavia, permaneceu nesse caminho até o final de 1996, mudando, em partes, apenas a partir das discussões com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, visto que “[...] a formação docente para o ensino superior ainda fica a cargo de iniciativas individuais e institucionais [...]” (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002, p. 154) e a sua preparação será apenas nos programas de mestrado e doutorado.

Constata-se, com esse breve panorama histórico, que a finalidade da universidade sofreu várias mudanças, entre as décadas de 70, como “universidade funcional” para atender o mercado; de 80, “universidade dos resultados”, em busca de parcerias com empresas; e na década de 90, como “universidade operacional”, visando o seu crescimento institucional a partir da produtividade (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002). Contudo, ainda nos dias atuais, segundo as autoras, permanece a crescente

aceleração formativa para que brevemente os alunos entrem no mercado, mudando assim a sua finalidade e autonomia frente a “[...] uma ação social, uma *prática* social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições [...]” (CHAUÍ, 2003, p. 5, grifos da autora).

Quanto à finalidade da universidade brasileira, Santos (2009) explicita sobre esse período de transição, da modernidade para a contemporaneidade, como um momento de mudanças que também interferiu no sentido social da universidade. Tendo em vista que resultou em momentos de crise de hegemonia, de legitimidade e institucional, uma vez que a sociedade buscava aceleração de mão de obra qualificada nos anos 70, a universidade não conseguiu, segundo Santos (2009), exercer contraditórias funções. Logo, para atender a esta aceleração e a diversificadas funções, surgiram novas instituições superiores e de pesquisa. Consequentemente, também as reivindicações de igualdade de acesso foram intensificadas provocando uma crise de legitimidade. Porém, no fim do período da modernidade, no século XX, emergiu a crise institucional, em que prevalecia contraditoriamente, de um lado, a busca por sua autonomia, e de outro, a intensificação produtiva (SANTOS, 2009).

Esse processo de crise ressalta o quanto a universidade faz parte de um contexto maior que seu âmbito educacional, ela não está dissociada do contexto social, econômico, político e cultural. As mudanças em cada um desses cenários são inter-relacionadas com o mundo universitário, pois a sociedade está na universidade, assim como a universidade está na sociedade, com o objetivo de produzir conhecimentos que agregam à vida.

Compreendendo a importância de novas reconfigurações no campo educacional universitário, Suanno (2011, p. 202, grifos da autora) afirma que “[...] o contexto de crise apresenta-se como possibilidade de revisar nossas *concepções*, desafiá-las e construir novas possibilidades de vida em sociedade, de organização institucional, de práticas formativas e práticas pedagógicas”. Porquanto, diante dessa mudança entre o século XX e o XXI, na perspectiva social, a universidade “[...] se caracteriza como ação e prática social, pautando-se pela ideia de um conhecimento guiado por suas próprias necessidades e por sua própria lógica, tanto no que se refere à descoberta e invenção quanto à transmissão desse conhecimento [...]”, na concepção de Pimenta e Anastasiou (2002, p. 168).

Essa transição do período da modernidade para a contemporaneidade, em relação à sua finalidade, está, também, indiretamente ligada às novas formas de compreender e conceber o conhecimento. Visto que, agora, não só a ciência é valorizada, mas também é considerada a interligação do ser, da razão e da emoção, que propicia a compreensão da importância de agregar a cientificidade aos diversos saberes integrantes da vida humana e planetária. Nesse sentido, verifica-se que a universidade contemporânea caminha para essa nova visão do saber, uma vez que, consciente ou inconscientemente, as concepções modernas e o valor absoluto - único da ciência - ainda estão muito fortes nos atores protagonistas da produção do conhecimento.

Relembrar esse período histórico da universidade brasileira a partir de diferentes concepções permite compreender que o contexto atual percorre o caminho das infinitas mudanças, pois a sociedade não se estagna no tempo imutável. Ao contrário, se entrelaça com a ordem em meio a desordem, em um ritmo de movimentos que não se sustenta pelas certezas modernas ou pela soberania exclusiva da ciência e, sim, pela suposta e temporária convicção do incerto, com variadas controvérsias, mas na esperança de que novos horizontes venham pairar temporariamente sob o contexto da produção do conhecimento.

A Universidade na contemporaneidade: uma visão complexa e criativa

Em um cenário de variadas realidades, o dia a dia da universidade brasileira é movido pela busca de uma prática diferenciada, onde a educação do ensino superior percorra um caminho capaz de valorizar o olhar global que, outrora, não conseguia, devido às suas concepções modernas de ver tudo fragmentado e dissociado da vida.

Apesar disso, é importante compreender que, no século XXI, esse caminho ainda está sendo percorrido. Deste modo, constata-se que a produção do conhecimento vai além dos olhares dicotômicos da realidade, porquanto, pode-se dizer que não se chegou à totalidade desse entendimento. Muitos teóricos ressaltam que os sujeitos partícipes do processo de formação, em toda a parte educativa, compõem um grupo heterogêneo, do qual, há aqueles que acreditam na concepção que valoriza o todo da vida como sentido na ação educativa. E ainda há os defensores do ensino tradicional, onde o aluno é receptor; e o docente é detentor do saber.

Sobre essa concepção conservadora na docência, Volpato (2013) afirma que:

[...] a função docente se resumia em ensinar um corpo de conhecimentos estabelecidos e legitimados pela ciência e pela cultura, especialmente pelo valor intrínseco que eles mesmos contém. [...] se preocupavam em formar profissionais mediante processos de ensino tradicionais, nos quais o conhecimento e a experiência profissional eram transmitidos por um professor que hipoteticamente sabia e conhecia, para um aluno representado como quem não sabia e não conhecia. (2013, p. 37)

Essa visão, reducionista e hierárquica do ensino, não atende ao processo educativo universitário da atualidade, caso tenha atendido no período da modernidade, hoje a multiplicidade deste cenário exige algo mais. Para a contemporaneidade, está defasado e limitado, visto que não se consegue compreender as necessidades atuais da sociedade acadêmica em suas diversidades. A universidade atual pode conseguir atender à realidade complexa, a partir de um olhar global e criativo; considerando como uma das principais atividades, a produção do conhecimento interligado ao ensino, à pesquisa e à extensão, e ainda que o discente seja, também, protagonista desta construção.

A universidade contemporânea, nessa perspectiva complexa, valoriza as múltiplas dimensões da realidade educativa, tanto no ser e conhecer, quanto no fazer, percebendo que toda e qualquer que seja a circunstância, é importante saber que há uma ou mais partes que compõem um todo da realidade humana e planetária. Para compreender a qual visão de complexidade se faz referência, é imprescindível entender que:

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. (MORIN, 2000, p. 38)

O autor afirma que “[...] por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade” (MORIN, 2000, p. 38). Ou seja, a complexidade na concepção de Morin (2000) retrata a interligação do todo, compreende que a vida não subsiste, nem mesmo nasce separada de tudo, há uma ligação com o outro, com a sociedade, com o planeta e seu contexto. Entretanto, “[...] quando a simplicidade não funciona mais é preciso passar ao elo, à espiral, a outros princípios do pensamento [...]” (MORIN, 1999, p. 31), compreendendo que a vida não está em dualidades dissociadas, mas as conectam e

formam mais possibilidades que vão além do exposto em dois campos a serem escolhidos.

A universidade, na visão complexa, é um campo frutífero das grandes produções de conhecimentos que interligam diferentes realidades com o cenário acadêmico, muito embora ainda seja um desafio a ser alcançado em diversas universidades brasileiras. Nesse sentido, Morin (2000, p. 36) esclarece que a respeito da problemática enfrentada na educação, “[...] existe inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre, de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários”. Ou seja, a realidade não se apresenta dissociada do humano, entre a sua vivência em sala de aula e fora do campo universitário.

Dessa forma, o ensino perde os sentidos primordiais para a vida do educando, uma vez que, em seu contexto social, se depara cotidianamente com situações problemas que se apresentam de forma global e interligadas, e ao contrário disso, o conhecimento, em muitas universidades, se apresenta em departamentos, fragmentados e dissociados da vida. Assim, distancia, do acadêmico, a possibilidade de conectar o conhecimento universitário em fragmentos com a sua realidade global. Morin (2000) ainda afirma que tal inadequação existe no processo educativo devido à falta de um ensino que articule as dimensões contextuais, globais, multidimensionais e complexas. Tais aspectos são importantes para um conhecimento pertinente no século XXI, uma vez que

O conhecimento do mundo como mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital. É o problema universal de todo cidadão do novo milênio: *como ter acesso às informações sobre o mundo e como ter a possibilidade de articulá-las e organizá-las? Como perceber e conceber o Contexto, o Global (a relação todo/partes), o Multidimensional, o Complexo?* Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo, é necessária a reforma do pensamento. Entretanto, esta reforma é paradigmática e, não, programática: é a questão fundamental da educação, já que se refere à nossa aptidão para organizar o conhecimento. (MORIN, 2000, p. 35 grifos do autor)

Diante dessa concepção, verifica-se que uma educação descontextualizada se perde pelo caminho e limita as possibilidades do educando encontrar sentido para sua vida complexa. Para tanto, compreende-se que a produção do conhecimento passa a ter

nexo a partir do momento que se aprende, conhecendo o todo e as interligações com as partes; assim como o ser humano percebe a sua vida em meio a tantas situações que se apresentam multifacetadas e multirreferenciadas em contextos multidimensionais.

As inúmeras circunstâncias da vida no Universo não se expõem linearmente e muito menos hierarquicamente. Uma determinada situação se configura em diferentes resultados, a partir de variados campos em que se encontra, pois o seu contexto reconfigura sentidos e razões para uma dada realidade. Porquanto, “[...] contextualizar e globalizar são os procedimentos absolutamente normais do espírito e, infelizmente, a partir de um certo nível de especialização, que passa a ser da hiper-especialização, o fechamento e a compartimentalização impedem contextualizar e globalizar” (MORIN, 1999, p. 25).

Entretanto, perceber a vida por meio de uma dimensão global é entender que cada contexto está interligado entre as partes e o todo, que a ação de ontem inter - retroage hoje, ou seja, ela tem um sentido de início que ao se finalizar, não é um fim em si mesmo, ao contrário, significa um recomeço, onde a parte está no todo e o todo está na parte, pois “[...] o todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas umas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo” (MORIN, 2000, p. 37).

Por conseguinte, ver a realidade em sua completude, considerando todas as dimensões da existência, propicia, ao ser humano, ver globalmente o desenvolvimento da vida, e ainda, perceber o quanto ela se inter e intraliga por completo no planeta, inclusive ser capaz de compreender que a universidade não está dissociada deste cenário e, sim, que faz parte de todo este mundo.

A multidimensionalidade se faz presente em todo o contexto da vida humana e planetária, podendo então perceber que tanto a sociedade em geral quanto o ser humano em sua individualidade são seres complexos por apresentarem múltiplas dimensões. Diante disso, compreende-se, com Morin (2000, p. 38), que o humano “[...] é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional. A sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa... O conhecimento pertinente deve reconhecer esse caráter multidimensional e nele inserir estes dados [...]”. Assim, percebe-se a importância de compreender que as partes não podem ser entendidas

distante do todo. O ser humano, na realidade complexa, fica impossibilitado de agir e pensar fragmentado quando se objetiva interferir na realidade multifacetada.

Com esse olhar de mudança, a produção do conhecimento, ao invés da repetição, é consideravelmente imprescindível na valorização da construção coletiva, uma vez que, seja um construir junto, pois a perspectiva do conhecimento complexo visa unir a unidade com a multiplicidade da realidade, ou seja, no processo educativo deve “[...] referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global” (MORIN, 2000, p. 39).

Contudo, em momento algum, tal visão percebe novas perspectivas como certezas eternas, e sim, como um complemento das diferentes construções a partir das convicções provisórias. Uma vez que, “[...] em tempos instáveis, incertos, fluídos, vários são os pesquisadores que argumentam que o paradigma mecanicista, simplificador, é insatisfatório e limitado para a compreensão da vida e a superação dos problemas complexos do século XXI” (SUANNO, 2011, p. 216).

A cada dia, se percebe mais inferências de caos, tanto de advento individual, social, cultural, econômico, político e ambiental, dos quais têm fortes influências do ser humano. Mas, não se detendo a esse caminho que requer grandes discussões, aqui refere-se que a vida é permeada por múltiplas dimensões que precisam encontrar-se interligadas. Nessa multiplicidade, Moraes (2008, p. 101) afirma que:

A complexidade da realidade exige também outras formas de explicação ou de interpretação da realidade e incentiva a criatividade, bem como a combinação de determinados tipos de estratégias, epistemológica e metodologicamente compatíveis e que privilegiam uma dinâmica não-linear da realidade, bem como a expressão da multidimensionalidade dos processos de aprender e conhecer.

A partir dessa concepção complexa da realidade, a docência na universidade é compreendida como, “[...] um conjunto de atitudes dos docentes entre as quais se pressupõe tomar consciência da importância do contexto multidimensional da educação e do ser humano, transgredir o ciclo transmissivo e reprodutivo do conhecimento [...]” (PINTO, 2011, p. 44). Para tanto, essa forma de conceber a docência, significa percorrer “[...] os caminhos da criatividade que [...] por sua vez, passam pela abertura da mente a outras possibilidades de usar o pensamento” (RIBEIRO; MORAES,

2014, p. 86). Prosseguindo, as autoras, ainda, afirmam que para compreender esse caminho, exige-se:

[...] a capacidade de reconhecer que para se admitir tal possibilidade será necessário: superar o paradigma da simplificação como primeira exigência; correr o risco de lançar-se na incerteza, na improbabilidade, admitindo que se esteja no campo da ciência, como segunda exigência; abrir-se à possibilidade de ampliar o campo de visão para enxergar na dimensão sistêmica a beleza da dialógica dos paradoxos que ao mesmo tempo se complementam e se religam. Essa visão consiste na terceira exigência, que nos leva a reconhecer a condição de complementaridade dos opostos como recurso para perceber o que ainda não foi visto. (RIBEIRO; MORAES, 2014, p. 87)

Nesse sentido, significa compreender a inter-relação com novos saberes, percebendo a ciência, não mais como a primeira e, sim, que os demais conhecimentos são tão importantes quanto os científicos, visto que, se complementando, surgirão novas perspectivas no campo educativo.

Com esse novo olhar global, se configura a perspectiva da criatividade no contexto universitário, uma vez que a visão social da criatividade parte da percepção complexa da realidade contemporânea ao valorizar os diversos saberes; e buscar uma nova prática pedagógica que interligue o ensino, a pesquisa e a extensão, com a pretensão social de realizar um bem para si, que é ao mesmo tempo para o outro, para a sociedade e para o planeta (ZWIEREWICZ, 2011). Nesse sentido, “[...] a criatividade é um bem social em três considerações: como desenvolvimento humano, como desenvolvimento científico, como bem social e de futuro” (TORRE, 2005, p.18).

A criatividade, na perspectiva complexa, compreende o ser humano e o ambiente conectado com o mundo, assim como percebe a interligação entre a vida e o cenário educativo, uma vez que busca superar as adversidades educacionais para se ter diferentes construções do conhecimento; e ainda, desprendendo-se de suas certezas individualistas, para se pensar no fluído coletivo incerto.

Contudo, são adversidades criadoras, que se reconfiguram com as novas e provisórias esperanças ao se deparar com diferenciadas descobertas. Porquanto, “[...] a criatividade está em saber utilizar a informação disponível, em tomar decisões, em ir além do que foi aprendido, sobretudo, em saber aproveitar qualquer estímulo do meio

para gerar alternativas na solução de problemas e na busca da qualidade de vida” (TORRE, 2005, p. 34).

Para a criatividade fluir em um campo complexo de múltiplas dimensões, primeiro precisa-se repensar a própria forma de ver a vida, pois é importante perceber que a linearidade não consegue contemplar o todo de um contexto. Nessa trilha, compreende-se que,

[...] o termo *criatividade* é aqui concebido como um fenômeno humano de natureza complexa que se manifesta como emergência, a partir de processos auto eco-organizadores, os quais provocam a busca de níveis mais profundos de percepção da realidade, resultando na transformação do sistema, na autotransformação e na criação de uma nova ordem. (RIBEIRO; MORAES, 2014, p. 91, grifo das autoras)

Essa visão de criatividade corrobora para a realidade complexa contemporânea, pois “[...] a humanidade alcançou um período histórico-cultural em que a urgência se impõe sobre a necessidade de mudança numa infinidade de aspectos, parecendo transcender exponencialmente qualquer necessidade antes experimentada” (RIBEIRO; MORAES, 2014, p. 110).

Para tanto, considerar a universidade, na perspectiva da criatividade, é percebê-la com uma visão diferenciada, que valoriza a tudo que é vida e busca realizar objetivos a partir da vida, ou seja, que tem como princípio o bem individual, social e planetário (ZWIEREWICZ, 2011) no desenvolvimento de suas propostas curriculares. Percebe-se que a concepção criativa caminha conectada à complexidade, ao compreender que tudo está interligado, assim, trilha um caminho de diferentes olhares, mas que interliga a multidimensionalidade e a multirreferencialidade da realidade tanto social quanto universitária de forma complementar e compartilhada.

Para Torre (2005, p.17), “[...] a criatividade é fruto da interação sociocultural e somente será pleno quando engendradas melhorias sociais ou culturais [...]”, indo além de um conceito isolado e, sim, conectado com o ser humano, o planeta, a vida; onde o agir, o pensar, e o criar partem da perspectiva intrínseca ligada à extrínseca. Por isso, falar de criatividade é compreender um contexto envolvido também em prol de uma significativa ação social, epistemológica, histórica e cultural, visto que, tais dimensões compõem a vida em sociedade.

A visão de uma universidade com indícios criativos busca pelo crescimento em todas as dimensões humana, social e ambiental para o todo de seu corpo discente e docente, além de seu entorno, considerando importante o que compõe a vida acadêmica. Independente da função exercida pelo indivíduo nesse campo educativo, mesmo indiretamente e ainda fora da universidade, precisa ser percebido como importante parte de um todo, pois são como células que trabalham pela continuidade do funcionamento do corpo. A realidade externa passa e perpassa o contexto que conecta a universidade, propiciando oportunidades de se trabalhar de forma contextualizada e criativa. Para tanto, compreende-se sobre essa acepção que a criatividade:

[...] a partir de uma visão complexa pressupõe e exige um olhar transdisciplinar que compreende que, para se caminhar em linha com essa perspectiva da ciência, nenhuma etapa deve ocorrer apenas em âmbito individual, tampouco em contextos isolados entre si. (RIBEIRO; MORAES, 2014, p. 94)

Esse olhar do todo é perceber as interligações em um cenário educativo que não dissocia do externo à universidade, mas que se conectam, e ainda valorizam a ciência ligada aos saberes advindos das diferentes dimensões da vida humana no contexto planetário. O saber e o fazer estão interligados com a consciência, de se viver em sociedade de forma solidária e humanizadora. A universidade, a partir de uma visão criativa de natureza complexa, tem a possibilidade de “[...] transitar em um cenário epistemológico acolhendo os contrários, na perspectiva da complementaridade, da inclusão das ambiguidades, dialogando com as incertezas e as emergências que surgirem ao longo do caminho” (RIBEIRO, MORAES, 2014, p.88).

Nesse sentido, ao perceber a criatividade em uma realidade complexa, as autoras Pimenta e Anastasiou (2002, p. 173) afirmam que a universidade contemporânea, como espaço educativo, humano, social e cultural deve:

[...] aprender a olhar em seu entorno, a compreender e assimilar os fenômenos, a produzir respostas às mudanças sociais, a preparar globalmente os estudantes para as complexidades que se avizinham, a situar-se como instituição líder, produtora de ideias, culturas, artes e técnicas renovadas que se comprometam com a humanidade, com o processo de humanização.

Esse diferenciado pensamento, mais humano, social, e que se preocupa com a formação integral do sujeito em sua completude, na concepção de Torre (2005), trilha o caminho da criatividade a partir de uma visão sociocultural e interativa entre o humano e o meio. Para esse autor, se a criatividade não tiver como objetivo fazer o bem a si e ao seu entorno; ela se perde pelo caminho, perde o sentido de estar inserida no cenário educativo, e conseqüentemente, na sociedade e na vida.

A criatividade, para Barreto, Hermida e Sousa (2011, p.96), precisa ser um alvo na universidade, pois “[...] necessitamos, neste século, de nos adaptarmos urgentemente às rápidas e constantes mudanças que ocorrem em todos os âmbitos, além de estimular as possibilidades de intervenção, por meio de uma formação mais criativa e atenta às demandas da realidade atual e futura”.

Assim, em um contexto de fruição de produção de conhecimentos, onde a problemática é o portal dessa construção na universidade, percebe-se “[...] a criatividade como sendo o processo que problematiza a existência de algo verdadeiramente novo e que, para ser agregado à cultura, necessita ser suficientemente valorizado no sentido de enriquecê-la, melhorando a qualidade de vida das pessoas” (SUANNO, 2013, p. 115).

A universidade vive grandes desafios contemporâneos tanto no ensino, quanto na pesquisa e na extensão. É relevante perceber, com Suanno (2013, p. 142), que “[...] a criatividade é a chave para a educação do século XXI [...]”, ou seja, não uma receita e, sim, a chave para abrir portas de diferentes concepções que contribuirão para o cenário educacional. O campo universitário nos dias atuais é recheado por diferentes culturas, crenças, etnias e concepções de que a visão complexa e criativa reconhece e as valoriza como possibilidades interligadoras na construção de novos saberes.

Considerações finais

A universidade brasileira contemporânea vem caminhando desde as suas raízes modernas, a partir de diferentes crises e conflitos com passos lentos rumo às diferentes mudanças, ou seja, em direção a uma nova visão do seu cenário educativo. Com essa nova trilha diante de variadas adversidades sociais, surgiram diferenciadas concepções no século XXI. Entre outras, nasce, no contexto educativo, a perspectiva complexa e criativa de perceber a realidade contemporânea.

Entretanto, a universidade, no período da modernidade, passou por uma crise de hegemonia, legitimidade e institucional, além de perpassar o momento de exclusiva valorização da ciência e pela ciência. Uma soberania que veio dividir espaço com diversos outros conhecimentos, também considerados como importantes para a humanidade. A divisão desse espaço não diminuiu o reconhecimento da ciência, mas, na contemporaneidade, a partir da visão complexa e criativa de perceber a realidade, há uma conexão entre a ciência e os outros diferentes saberes, um valioso diálogo entre a razão e a emoção.

A complexidade e a criatividade na universidade são premissas necessárias para atender os dias atuais, visto que, cada vez mais tem se percebido que um ensino fragmentado, dissociado da realidade, distante do contexto em que vive o educando, tem sido visto com poucos sentidos para a vida. A vida se apresenta em diferentes circunstâncias, muitas vezes, depara-se com variadas situações problemas de inúmeras origens e que estão, ao mesmo tempo, interligadas às dimensões da realidade.

Nessa reflexão, surge a liberdade de perguntar: Como o ensino compartimentado e dissociado da vida poderá contribuir para uma realidade conectada com o mundo? Um questionamento recorrente a muitos que começam a perceber as ausências de sentidos para a vida no campo educativo contemporâneo, uma vez que, ainda se desenvolve um ensino nas diretrizes modernas.

A partir desse entendimento, a perspectiva de complexidade e criatividade na universidade visa compreender a conexão entre os diferentes saberes, no cenário educacional, com a realidade externa do educando, ou seja, com a sociedade e a vida planetária como um todo. A complexidade parte de um construir junto interligando variadas dimensões da realidade no universo.

Contudo, a criatividade conecta-se à complexidade, no sentido de superar as adversidades desse campo universitário, e ainda ao reconhecer um bem social que se inicia consigo mesmo, com o outro e com o planeta.

Portanto, essas novas perspectivas valorizam o conhecimento partindo de uma construção coletiva e interligada com a vida. Esse olhar criativo para o cenário educativo é um olhar global, considerando tanto o todo, quanto as partes, como indissociadas de um contexto universitário complexo.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva**. *Ver. Bras. Euc.* 2003, nº 24 p. 5-15

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 2005.

BARRETO, Sidirley de Jesus Barreto; HERMIDA, Jorge Fernando Aveiro; SOUSA, Clóvis Arlindo de. A criatividade como suporte da aprendizagem no ensino superior do século XXI. In: ZWIEREWICZ, Marlene. (Coord.) **Criatividade e inovação no ensino superior: experiências latino-americanas e europeias em foco**. Blumenau: Nova Letra, 2013. p. 83 – 100

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação**. São Paulo: Antakarana/ WHH – Willis Harman House, 2008.

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. **O pensar complexo Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro. Garmond, 1999. p. 19 - 34

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 3º ed. 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PINTO, Ivone Maciel. **Docência inovadora na Universidade**. 2011. 365 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

RIBEIRO, Olzeni Costa. MORAES, Maria Cândida. **Criatividade em uma perspectiva transdisciplinar: rompendo crenças, mitos e concepções**. Brasília: Liber Livro, 2014.

SANTOS, Boaventura Souza. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>> Acessado em: 09/08/2009

SUANNO, João Henrique. **Escola Criativa e Práticas Pedagógicas Transdisciplinares e Ecoformadoras**. 2013. 297 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília, 2013.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Universidade em contexto de supercomplexidade: práticas pedagógicas em movimento. In: TORRE, Saturnino de la. ZWIEREWICZ, Marlene. FURLANETTO, Ecleide Cunico. (Org.) **Formação docente e pesquisa**

interdisciplinar – criar e inovar com outra consciência. Blumenau: Nova Letra, 2011. p. 201 - 218

VOLPATO, Gildo. Sinais de rupturas com práticas pedagógicas tradicionais na universidade. In: ZWIEREWICZ, Marlene. (Coord.) **Criatividade e inovação no ensino superior: experiências latino-americanas e europeias em foco**. Blumenau: Nova Letra, 2013. p. 21 – 35

TORRE, Saturnino de la. **Dialogando com a criatividade**. São Paulo: Madras, 2005.

ZWIEREWICZ, Marlene. Formação docente transdisciplinar na metodologia dos projetos criativos ecoformadores – PCE. In: TORRE, S. de L.; ZWIEREWICZ, M.; FURLANETTO, Ecleide Cunico. (Org.). **Formação docente e pesquisa transdisciplinar: criar e inovar com outra consciência**. Blumenau: Nova Letra, 2011. p. 141-158.

Recebido: Nov/2016

Aprovado: Jun/2017